

MENNOCCHIO E RIVIÈRE: CRIMINOSOS DA PALAVRA, POETAS DO SILÊNCIO

Durval Muniz de Albuquerque Júnior

Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
e doutorando em História na Unicamp

Deus está no particular.
(Warburg-Ginzburg)

... um homem se despedaça se afronta a face do Deus.
(Foucault)

No prefácio à edição italiana do seu livro *O Queijo e os Vermes*, Carlo Ginzburg crítica a postura metodológica adotada por Michel Foucault e alguns de seus colaboradores ao tratar do caso Pierre Rivière, camponês francês que matou a mãe, a irmã e o irmão. Ginzburg acusa Foucault de se negar à interpretação e a pretexto de respeitar a diferença da cultura de Rivière acabar apenas silenciando diante dele, ficando numa contemplação estetizante e irracionalista¹.

A princípio nenhuma novidade, pois é o próprio Foucault que explicitamente recusa a interpretação do memorial escrito por Rivière explicando o seu crime. Isto nasce, o que não é esclarecido por Ginzburg, do contexto político e das preocupações que motivaram Foucault a elaborar esta obra. Neste momento Foucault dirige o *Groupe de Informations sur les Prisons* (GIP) que se propõe exatamente a dar a palavra ao preso, ao "criminoso", para que este fale de sua experiência de prisão. Foucault tenta denunciar exatamente o silêncio a que é submetido o prisioneiro; como o poder e seu discurso são a única verdade enunciável sobre estas criaturas silenciadas e como a experiência do crime e o seu potencial de denúncia do poder é domado exatamente por estes discursos que se apropriam do crime e tentam dele extrair a verdade.

O que Foucault tenta ao tratar do caso Rivière é não se deixar aprisionar por esta teia discursiva, ou seja, ele não quer que o seu livro seja mais um discurso da razão a apagar a força e a singularidade do próprio discurso de Rivière. Mas tal atitude significa realmente um irracionalismo estetizante? Foucault realmente se negou a explicar o discurso de Rivière. Mas seria isso, como diz Ginzburg, cair no puro silêncio? A resposta se encontra na própria estrutura do livro de Foucault. Ele reproduz inicialmente todos os documentos encontrados sobre o caso, ou seja, todos os discursos produzidos a partir dele e no final do trabalho foram colocados textos que abordam diferentes aspectos do caso, ou seja, novos discursos que se apóiam, se cruzam ou excluem os discursos anteriores, tentando com isso explicitar a rede discursiva que constitui ou poderá vir a constituir o crime de Rivière, produzindo com isso não o silêncio mas uma explosão discursiva em torno do fato, negando-se em elevar um discurso à condição de discurso da verdade, o discurso que explicaria o acontecimento Rivière.

O que nos chama a atenção é que o caso Menocchio e o caso Rivière guardam entre si muitas semelhanças e que os próprios autores dos dois trabalhos se aproximam em algumas posturas teórico-metodológicas ao tratarem de seus objetos, embora também se afastem profundamente em outras. O objetivo deste artigo será fazer um confronto entre os dois trabalhos, na tentativa de explicitar os caminhos trilhados pelos dois autores, que são caminhos que podem ser trilhados por nós historiadores principalmente ao nos debruçarmos sobre objetos tradicionalmente vinculados à "cultura popular".

Foucault e Ginzburg identificam o surgimento no final do século XIX de um novo paradigma no campo das ciências humanas, o paradigma indiciário. Este operaria através de sinais, de sintomas ou seja de indícios que serviriam para uma aproximação ou apropriação do real como pretende Ginzburg ou para a partir deles se construir o real como quer Foucault. Ai está explicitada uma diferença fundamental entre os dois autores. Embora operem com o mesmo paradigma, o fazem de forma diferenciada. Enquanto Ginzburg opera com os indícios históricos com a pretensão de ser possível a reconstrução do real em sua totalidade, mesmo que esta reconstrução seja sempre atravessada pela subjetividade do historiador e datada historicamente, Foucault parte do pressuposto de que o real é uma construção discursiva, feita tanto no passado como no presente. O historiador não pode tomar os documentos, as fontes históricas como indícios de um real que pode ser desvendado, um real que estaria nas entrelinhas e seria reconstruído pelo historiador. Para ele, a fonte histórica é sempre um monumento, ou seja, uma construção também histórica e discursiva. Ela não é sinal de um acontecimento como quer Ginzburg, embora se remeta a um acontecimento; ela própria é um acontecimento que deve ser explicado².

O discurso para Foucault é em si mesmo um acontecimento histórico, enquanto para Ginzburg ele apenas remete ou representa um acontecimento. Isto vai ter repercussões na forma como tratam as falas de Menocchio e Rivière. Foucault tenta explicar ao longo do seu trabalho como foram possíveis historicamente o discurso de Rivière e todos os outros discursos que o tomaram por objeto e o produziram como sujeito. Sua preocupação é a explicação da teia discursiva e das práticas que a sustentam e não de um discurso em particular, que é por sua vez a preocupação de Ginzburg. Ele parte da teia discursiva sem ter a preocupação de reconstitui-la para explicar a fala de Menocchio através do inventário do que ele teria lido e como teria lido. Enquanto para Foucault o discurso de Rivière é uma construção feita a partir de condições enunciativas historicamente produzidas, algumas delas remetendo a uma cultura camponesa de difícil recuperação e que submetida às nossas racionalizações perderia toda a sua diferença e teria sua singularidade dissolvida, para Ginzburg o discurso de Menocchio é uma elaboração a partir de diferentes fontes, eruditas ou populares, que a circularidade cultural teria possibilitado se fundirem num discurso plenamente possível de ser explicado pela razão, embora às vezes contraditoriamente fale de "um estrato obscuro, quase indecifrável, de remotas tradições camponesas"³.

O crime de Foucault é um acontecimento, o seu discurso sobre o crime é outro acontecimento, que se reenviam e reinventam o outro. Tomar o discurso de Rivière como sinal

1. Ver Carlo Ginzburg - *O queijo e os vermes*, pp. 22-23.

2. Ver Michel Foucault - *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*; Apresentação, pp. XII e XIII.

3. Ver Carlo Ginzburg - Sinais: Raízes de um paradigma indiciário, in *Mitos, emblemas e sinais*, pp. 143-181 e Michel Foucault - A descrição arqueológica, in *A arqueologia do saber*, pp. 153-223.

da realidade de seu crime, como se através de um se pudesse chegar à realidade do outro, é uma postura descartada por Foucault. O memorial Rivière é uma arma discursiva, é na verdade um segundo crime, pois um camponês toma a palavra, fala, usa a razão para explicar racionalmente uma atitude tomada como irracional, como sinal de loucura. O poder ciente disto tenta exatamente domar a força deste discurso, tenta reduzi-lo a seus esquemas explicativos. Ou seja, a psiquiatria ou a justiça ao se apropriarem do discurso de Rivière tentam enquadrá-lo dentro de suas grades conceituais, tentam apagar sua diferença, sua singularidade, sua estranheza, tentam torná-lo compreensível e, portanto, domar a sua rebeldia. É por isso que Foucault nega-se a ter a mesma postura destes discursos⁴.

Menocchio como Rivière era um criminoso da palavra, também o camponês do Friuli se nega a ficar calado, deseja expressar suas verdades a respeito da religião, mesmo que por isso seja morto, como chega a pressentir várias vezes, ele teima em disparar suas palavras-balas, suas flechas enunciativas, que acertam no coração da ortodoxia religiosa e seu aparato institucional. A rebeldia de Menocchio que chega a abalar Sua Santidade é expressa num discurso estranho, que não pode ser enquadrado em nenhum discurso erudito ou popular da época como bem demonstra Ginzburg ao longo do seu trabalho. Ginzburg ressalta o tempo inteiro a diferença, a singularidade de Menocchio e todo o seu trabalho é o de confrontar o discurso de Menocchio com outros discursos e demonstrar que ele não pode ser reduzido a nenhum deles. No entanto, Ginzburg, por não ter a mesma postura metodológica que Foucault, acha ser necessário enquadrar o discurso de Menocchio e ele próprio numa grade conceitual que aprisione esse discurso, o explique e explique o próprio Menocchio. Toda a singularidade e diferença de Menocchio tão ressaltada é dissolvida para que este possibilite “a construção de uma hipótese geral sobre a cultura popular mas precisamente sobre a cultura camponesa da Europa pré-industrial”⁵.

A exigência metodológica de se enquadrar o discurso individual e singular de Menocchio no esquema mais geral de classe termina por tornar o trabalho de Ginzburg contraditório e de certa forma questionar sua própria pertinência.

Já Foucault em Pierre Rivière chama a atenção para o fato de que este camponês se nega a aceitar o lugar que a representação de classe reservava para ele no social. Ao ler, escrever, tomar a palavra, romper o silêncio, Rivière se negava a assumir o lugar que a sociedade reservava para o camponês, o lugar da passividade, da subserviência, da ignorância e da mudez. Menocchio também não era um camponês comum ou típico como o próprio Ginzburg reconhece, ele quer ser ouvido pelas maiores autoridades religiosas e com elas debater suas idéias; ele quer convencê-las de que o discurso da Igreja, tido como o discurso da verdade, está equivocado. Ao se propor ao embate com o “saber instituído”, Menocchio quer romper os limites que o seu lugar de classe impunha, ele não quer representar sua classe, ele quer fugir desta representação, ele quer romper com ela; por isso ao reinseri-lo na classe, como seu representante, Ginzburg termina por fazer aquilo que o discurso inquisitorial e seu aparato punitivo tentou fazer, ou seja, fazer Menocchio reconhecer o seu “lugar”, a ele retornar⁶.

São essas implicações políticas da utilização de uma grade conceitual com pretensão totalizante e que usa categorias homogeneizadoras, por mais que tratem da diferença e da singularidade que Foucault denuncia em seu trabalho. Ele não quer compactuar com o discurso do vencedor e com seus procedimentos, que é exatamente o de reinse-

rir o diferente, o desviante, o "anormal", o singular em discursos que lancem mão de grades conceituais que aproximem o diferente do semelhante, o dissidente e anormal do normal, o singular do repetitivo.

É importante chamar a atenção neste passo para a forma como os dois autores utilizam o contexto histórico que cercam os dois acontecimentos. Ginzburg toma o contexto da Reforma Protestante e da invenção da imprensa como fatores decisivos para se entender a cosmologia de Menocchio. Embora não reduza o fenômeno Menocchio a estas influências, o trabalho de Ginzburg é exatamente entender o sujeito Menocchio como o produto de uma série de acontecimentos e discursos que se cruzam, ou seja, Menocchio termina se explicando pelo contexto mesmo com toda a sua singularidade. Foucault, ao contrário, embora reconheça ressonâncias do contexto nas atitudes de Rivière, não o reduz a estas influências; há sempre algo de estranho e singular que o distingue do meio circundante. Na verdade, a preocupação de Foucault não é explicar as palavras e atos de Rivière, mas como estas palavras e atos foram silenciados⁴.

Não é a produção da palavra que busca Foucault e sim a produção do silêncio, daí o contexto ressaltado por ele ser muito mais o que ressoa nos discursos sobre Rivière.

O contexto não explica Rivière, até porque não existe um único Rivière como sujeito fundante de seus atos e palavras. O que se percebe é que diferentes Rivières vão ser produzidos por cada discurso; o discurso psiquiátrico constrói o Rivière-louco, o discurso da justiça constrói o Rivière-cruel, o seu próprio discurso ora o constrói como um louco ora o constrói como o justiceiro que livra seu pai de suas atribulações. Esse sujeito que ocupa diferentes lugares, que se desloca conforme é tomado pelos discursos, é bem diferente do Menocchio construído por Ginzburg, pois embora Menocchio seja resultado de séries históricas diversas, estas confluem para a formação de um sujeito único e que em alguns momentos é a própria síntese de uma totalidade histórica que representa⁵.

Enquanto para Ginzburg Menocchio será a síntese de suas experiências vai totalizar suas experiências, para Foucault Rivière será produto de suas experiências e das experiências daqueles que o tomam como objeto de discurso e de verdade. Rivière nunca poderá ser uma síntese, ou jamais poderá ser uma totalidade, ele é apenas um ponto de cruzamento de diferentes redes discursivas que falam de experiências as mais dife-



4. Ver Carlo Ginzburg — *O queijo e os vermes*, pp. 30-34 e Michel Foucault - *Eu, Pierre Rivière...*, p. 240.
 6. Carlo Ginzburg - *Op. cit.*, pp. 11-13.
 7. Michel Foucault - *Op. cit.*, p. 200 e Carlo Ginzburg - *Op. cit.*, pp. 11-13.
 8. Carlo Ginzburg - *Op. cit.*, pp. 33-34 e Michel Foucault - *Op. cit.*, pp. 202, 230 e 258.
 9. Michel Foucault - *Op. cit.*, pp. 219 e 220 e Carlo Ginzburg - *Op. cit.*, pp. 15-34.

renciadas. Rivière não é portanto um objeto que possa ser tomado na sua unidade, ele é diferentes objetos conforme é tomado e recortado de forma diferenciada, recortes estes referenciados por experiências também distintas. A experiência da psiquiatria reconta Rivière, o louco, a justiça trata da experiência de Rivière, o cruel, o criminoso, Foucault a partir de sua experiência política de dar voz aos "criminosos", de dar voz aos silenciados toma Rivière como o "criminoso" da palavra, como o rebelde, o que afronta o poder, como o poeta do silêncio e que por isso merece ser ouvido, educando nossos ouvidos para ouvir não só a estridência das palavras, mas a melodia do silêncio¹⁰.

Restaurar a liberdade da palavra é a proposta política de Foucault em Pierre Rivière, para isto é preciso recuperar os mecanismos e estratégias que produziram o silêncio em nossa cultura. A cultura ocidental se consolidou, como toda totalidade homogeneizadora, produzindo zonas de silêncio, jogando alguns discursos e algumas práticas para as margens, destruindo a força da diferença de alguns saberes. Pierre Rivière é alguém que rompe os limites da ordem enunciativa; sua palavra era tão livre que escapava de qualquer grade conceitual que a tentava enquadrar. Embora sua narrativa se faça dentro dos padrões populares tradicionais e dentro dos ditames da razão, ela contém algo de estranho, algo de irreduzível ao discurso da razão ou mesmo do discurso tradicional. Ginzburg também termina por remeter a fala de Menocchio a um estrato arcaico e indecifrável da cultura camponesa, no entanto para ele, contraditoriamente, a cultura é uma jaula flexível dentro da qual existe um horizonte de possibilidades limitadas, pois se se sai da cultura de seu tempo e de sua classe entra-se no delírio ou na falta de comunicação. Mas do que fala seu trabalho senão de um camponês que também rompeu com os limites da ordem enunciativa, um camponês que se não havia rompido a porta da jaula e falado de fora dela, estava pelo menos forçando esta porta, tentando arrombá-la. Se Menocchio não saiu da cultura de seu tempo — às vezes parece que sim — com certeza saiu da cultura de sua classe, pois o limite classista que Ginzburg quer impor ao discurso de Menocchio nasce de sua postura teórica, mas é desmentida pela própria reconstituição da cultura de Menocchio¹¹.

Foucault não fica no fascínio do exótico e do incompreensível como diz Ginzburg ele apenas se nega a compreender o incompreensível, a mesmificar o estranho, tentar reinserir a todo custo o fragmento indecifrável a um todo que o viria iluminar ou explicar. Foucault assim o faz para evitar o paroxismo de um Ginzburg que remete o indecifrável do discurso de Menocchio a uma cultura camponesa, achando que com isso explicou ou decifrou este fragmento estranho tendo que ficar apenas na contemplação estupefada diante de uma cultura da qual não consegue apreender a lógica, por mais que sua razão tenha a pretensão de tudo interpretar e por mais que se disponha de sinais desta cultura. Não se consegue a partir deste fragmento estranho, que é Menocchio, reconstruir na sua totalidade esta cultura a que se refere Ginzburg, da qual não consegue nem falar. Ou seja, a partir da pretensão de uma razão que pode falar em tudo e da crítica ao silêncio de Foucault, chega-se a outra mudez, mesmo que esta não tenha sido intencional ou metodologicamente sustentada com a de Foucault¹².

Enquanto Foucault faz assim uma crítica à universalidade da razão da sua pretensão de tudo explicar, Ginzburg parte do pressuposto desta universalidade, embora termine por reconhecer o seu limite quando se debruça sobre seu objeto, para na conclusão reafirmar sua crença racionalista.

Esta referência de Ginzburg a um estrato cultural antigo, que servira de filtro a Menocchio para que este reinterpretasse os elementos da cultura da classe dominante que

a ele chegava, fala primeiro de uma certa visão dicotômica da cultura que perpassa por seu trabalho, embora a noção de circularidade por ele usada tente atenuar esta dicotomia, e fala, em segundo lugar, da existência na visão deste autor de uma continuidade que poderíamos chamar de vertical no campo da cultura¹³. Esta postura fica mais clara em seu trabalho *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, onde vai procurar as raízes desse paradigma, surgido no século XIX, ainda com os caçadores da pré-história. Esta transmissão ao longo do tempo de elementos culturais faz com que determinados elementos culturais sejam trans-históricos, passando ao longo da história sem sofrerem modificações; ou quando sofrem, sempre guardando algo do passado. Esta postura é radicalmente oposta à de Foucault que postula uma continuidade horizontal no campo da cultura, ou seja, as continuidades se dão no interior de um mesmo campo discursivo, da mesma *epistémé*, e as continuidades nunca são de um saber ou de um autor para outro, mas no nível das regras de formação dos discursos, dos saberes. A continuidade se dá no nível das práticas e da rede enunciativa e não no dos discursos e dos saberes¹⁴.

Enquanto Foucault busca recuperar a continuidade das práticas que informam saberes diferenciados, Ginzburg busca recuperar a continuidade dos próprios saberes. Ginzburg fala de descontinuidades preocupado em construir continuidades; Foucault busca ressaltar as descontinuidades. Isso de certa forma explica a postura dos dois diante das palavras e dos silêncios de Mennocchio e Rivière. Ressalta-se em Mennocchio as possíveis continuidades que seu saber poderia significar; é deste ângulo que seu saber é interrogado pelos inquisidores e por Ginzburg. Uns querem descobrir se ele é a continuidade de algum saber herético, Ginzburg quer saber se ele é a continuidade do saber de alguma classe ou mais precisamente dos camponeses, em que medida ele era um fragmento perdido de uma totalidade cultural. Para Foucault interessa ressaltar em Rivière as descontinuidades de suas práticas e discursos, como seu saber é rebelde às questões que são feitas por outros saberes, como sua palavra e seus silêncios escorregam de qualquer aprisionamento numa continuidade. O procedimento do discurso psiquiátrico ou do discurso jurídico é exatamente tentar construir continuidades entre suas práticas e em seus discursos de forma que elas venham formar a imagem que cada um quer construir para Rivière. No memorial encontram continuidades entre suas práticas e discurso de "loucura" ou entre suas práticas e discurso de "crueldade", gerando a idéia de predisposição à loucura ou ao crime. Foucault tenta ressaltar toda a ambigüidade e descontinuidade entre os atos e as falas de Rivière. Entre os diversos momentos de seu memorial, Rivière é uma descontinuidade, é um fragmento que não pode ser reinserido em um todo contínuo, mas que como ele remete a diferentes totalidades.

A forma como analisam os discursos de Rivière e Mennocchio se assemelham no momento em que tentam recuperar as diferentes séries discursivas que se cruzam no discurso de um ou de outro, mas se diferenciam no momento em que Ginzburg está preocupado em reconstituir um sistema de inclusão, ou seja, em explicar como estas diferentes séries discursivas são apropriadas por Mennocchio, como ele as funde em

10. Michel Foucault - *Op. cit.*, p. 106 e Carlo Ginzburg - *Op. cit.*, pp. 48-51.

11. Michel Foucault - *Op. cit.*, pp. 209, 212 e 218 e Carlo Ginzburg - *Op. cit.*, p. 27.

12. Carlo Ginzburg - *Op. cit.*, p. 22 e Michel Foucault - *Op. cit.* pp. 289-292.

13. Carlo Ginzburg - *Op. cit.*, pp. 12-13.

14. Ver Michel Foucault - As regularidades discursivas, in *A arqueologia do saber*, pp. 21-87 e Pierre Rivière, pp. 220-221.

um único discurso, ou seja, como ele homogeniza conhecimentos tão dispares. Sua ênfase é pois nas condições de aproximação, de cruzamento, de reelaboração das diferentes séries discursivas, das diferentes matrizes enunciativas que formam o discurso de Menocchio. Foucault por seu turno, está preocupado em reconstruir o sistema de exclusão que caçou a palavra de Rivière, que produziu o silêncio de Rivière, que procurou apagar toda a denúncia embutida em suas práticas. Portanto a ele preocupava recuperar não só as regras de aproximação ou de cruzamento das séries enunciativas, mas também como estas se excluem, como estas procuram produzir o silêncio das outras séries¹⁵.

Recuperar assim a trama discursiva com tudo o que é dito, mas também recuperar as condições que permitem que seja dito é feito por ambos, só que Ginzburg ao não considerar o que é dito como um acontecimento autônomo termina por reduzir o que é dito às condições de sua produção, o que é exigência de sua postura metodológica totalizante¹⁶.

Ambos ressaltam os silêncios como momentos importantes do próprio discurso, embora a ênfase de Ginzburg seja nas palavras. O ressaltar os silêncios em Foucault tem um significado teórico-metodológico decisivo, ou seja, de questionar a pretensão a um discurso total, a um discurso da verdade. O discurso da ciência, tido como o discurso pleno, o discurso que tem como tarefa preencher as lacunas do discurso ideológico, seria o discurso sem silêncios. Ora o que Foucault procura alertar é não só para os silêncios que estes discursos desconhecem, mas para os silêncios produzidos por esta razão universalizante, razão alienante na medida em que desconhece a existência do ponto cego, da explosão do desejo, razão capaz de tudo explicar, de tudo interpretar, ou seja, capaz de acabar com os silêncios, tidos como o momento da falta de saber, da falta de razão em nossa cultura¹⁷.

Trazer à tona a poesia dos silêncios de Rivière, buscar ressaltar os seus silêncios em relação ao discurso da lei, da norma, da regra, não é mostrá-lo como um homem sem cultura, um animal sem instinto, um ser mítico, um ser monstruoso, impossível de ser definido porque estranho a qualquer ordem enunciável, embora por momentos a própria fronteira entre o animal e o humano tenha sido atravessada por Rivière. Mas Rivière transgrediu tantas fronteiras que seria injusto com ele próprio se fixar nesta e a partir dela tecer uma crítica a um trabalho que procurou exatamente recuperá-lo em toda a sua humanidade; um homem completo que não apenas resmungou ou grunhi mas fala, um homem que transgrediu matando outro transgressor — triste ironia. A morte da mãe, transgressora da ordem liberal regida pelos contratos do casamento e da propriedade, é a transgressão da norma social com a prática do crime mais hediondo, o parricídio, que no seu silêncio guardava outra transgressão ainda mais séria, a transgressão ao contrato que fundou a civilização, a proibição à prática do incesto. Seus incestos imaginários o atormentam e o impelem ao crime.

Esta valorização dos silêncios e de sua produção faz com que Foucault realize uma semiologia das sombras, das zonas obscuras ou das opacidades dos sinais. Embora parta do mesmo paradigma indiciário, Foucault não faz uma semiologia do visível, das iluminações apenas, os sinais não são tomados por ele como fragmentos de um real a ser reconstituído como faz Ginzburg; para ele, os próprios indícios ou sinais são construções, eles não são deixados por acaso. Antes de se perguntar que real representam, deve-se perguntar o que fez com que eles representassem esse real. Que estratégias do poder e que relação de poder-saber foram responsáveis pela construção destes sinais.

Com eles pode-se construir um novo real a partir de demandas de poder-saber colocadas pelos momentos históricos¹⁵.

Se Ginzburg teve a pretensão de reconstruir Menocchio e através dele reconstruir a cultura camponesa da Europa pré-industrial, Foucault construiu um outro Rivière ao trazer à tona as diferentes construções que os diferentes discursos referentes a ele fizeram. Com isso Foucault postula para o trabalho do historiador a tarefa de construir um outro discurso sobre o passado, sempre referido pelo presente, que é quem direciona as séries a serem recortadas e os arranjos que são feitos a partir destas séries. Assim como o discurso psiquiátrico ou o discurso jurídico recortaram no memorial Rivière diferentes séries, para construir diferentes Rivières e diferentes crimes, o historiador faz o mesmo com cada fato histórico que toma como objeto, ele o associa a diferentes séries por ele escolhidas e deve ter cuidado em não tomar o fato como dado, mas tentar recuperar as próprias séries discursivas que o constituíram como fato histórico.

Foucault não tomou Rivière como um fato, mas tentou recuperar como se construiu o fato Rivière, o que podemos atribuir também a Ginzburg, que tenta entender exatamente a singularidade que faz de Menocchio um fato digno de estudo. Em Foucault, no entanto, Rivière nunca é mais do que este indivíduo singular, é a sua singularidade que faz dele um poeta do silêncio e um criminoso da palavra, é isto que o torna o homem-denúncia da prisão, das normas, das regras, das leis e da razão. Já Menocchio termina por ter sua singularidade relativizada ao se tornar representante de uma classe, de uma cultura de classe, que embora rebelde, estava no caminho de se integrar à cultura dominante. Afinal, ele não é tão diferente assim, “ele é nosso antepassado”, “ele é um de nós”, está ligado a nós por uma linha de continuidade, e para que isto ocorra é preciso tentar superar as mutilações históricas de que somos vítimas usando a razão, embora tenha sido justamente esta razão que produziu tais mutilações, e ressaltar isto é o objetivo de Foucault. Ginzburg toma a palavra para superar os silêncios, Foucault toma a palavra para ressaltar os silêncios; o primeiro tenta tornar tais silêncios em palavras ditas pela razão, o segundo usa a palavra para denunciar os silêncios produzidos pela razão.

Ambos, de certa forma, fazem poesia e cometem “crimes”, ao usar as palavras e os silêncios de Menocchio e Rivière; se Ginzburg acusa Foucault de populismo, por este ver no discurso da vítima de exclusão social uma alternativa radical às mentiras da sociedade, talvez Foucault acusasse Ginzburg de permanecer preso a uma visão totalizante e homogeneizadora da história, que desconheceu e desrespeitou a vítima da exclusão social, caminhando em muitas circunstâncias para propostas políticas integradoras e totalitárias, embora baseada num discurso libertário, de alternativa radical à sociedade.

15. Michel Foucault - *Op. cit.*, pp. 249-252 e Carlo Ginzburg - *Op. cit.*, pp. 127-128.

16. Michel Foucault - *Op. cit.*, pp. 286, 287, 289 e 292.

17. Michel Foucault - *Op. cit.*, p. 282 e Carlo Ginzburg - *Op. cit.*, p. 22.

18. Michel Foucault - *Op. cit.*, pp. 209, 212, 248, 252 e 278.